

Um economista dos economistas

Paul Samuelson

*Baum
Dorn*

Para ajudar as pessoas a compreender a economia mundial no ano que vem, preciso contar uma história sobre nosso pranteado economista Walter W. Heller, falecido há não muito tempo.

Einstein gostava de velejar em um lago nas proximidades de Berlim. Isto ajudava-o a pensar sobre que os experimentalistas deveriam medir. A cada hora, via duas barcas cruzando no meio do lago. As duas, notou, tinham ferraduras. "Por que você tem aquela ferradura pendurada?" — perguntou Einstein a um dos capitães.

"É para ter boa sorte, para ter o vento vindo de popa."

Einstein ficou surpreso: "Será que faz sentido o fato de duas ferraduras poderem fazer o vento soprar em duas direções ao mesmo tempo?"

Respondeu o capitão: "Eu sei que não faz sentido. Mas acho que uma ferradura é tão poderosa que funciona até mesmo sem fazer sentido."

Esta história me lembra um famoso debate ocorrido na Universidade de Nova Iorque, entre o monetarista Milton Friedman e o eclético pós-keynesiano Walter Heller. Realizado perto de Wall Street, este dramático debate atraiu uma grande multidão e me disseram, naquela época, que o debate terminou *empatado*.

Amigo de um amigo meu compareceu ao debate, assim procurei saber pela própria boca do freguês como as coisas *realmente* haviam ocorrido. Minha testemunha ocular explicou: "Heller fazia mais sentido, mas Friedman tinha montanhas de provas."

Infelizmente, na não experimental ciência da economia, as provas frequentemente estão nos olhos do autor. Por exemplo, na década de 50 esteve em moda a teoria de que a "velocidade", ou a proporção, em que o dinheiro é gasto é tão imprevisível que a Reserva Federal (o equivalente norte-americano ao Banco Central brasileiro) nunca deveria tentar manipular a oferta de dinheiro para combater a inflação e a recessão. Ao contrário, a crença era de que a Reserva Federal deveria congelar a oferta de dinheiro para sempre. Na década de 80, o dogma monetarista é visto pelo presidente da Reserva que sai, Paul Volcker, e pelo que entra, Allan Greenspan, como tendo *dois* anos de provas em contrário.

Entretanto, quando encontrei Heller em uma reunião do Departamento de Orçamento do Congresso, apenas cinco dias

antes de sua morte, ele cochichou para mim: "Cada vez que Sprinkel explica suas certezas para a equipe da Casa Branca, a gozação pode ser ouvida até na Colina do Capitólio. Mas o monetarismo não é tão ruim quanto acreditam hoje em dia os conservadores e os liberais". (Beryl Sprinkel é o presidente do Conselho de Consultores Econômicos da Presidência).

Concordamos com o esperto velho Walter Stewart que, em 1930, havia dito ao comitê MacMillan sobre política macroeconômica: "Vocês deveriam ensinar a teoria quantitativa do dinheiro em todas as ocasiões — não porque seja uma verdade universal, mas porque quando chega a oportunidade sua mensagem é muito valiosa."

Heller era um keynesiano de mão dupla. Convenceu o presidente John Kennedy a reduzir os impostos durante a depressão do início da década de 60. A história lhe é grata. Mas também, após sua volta à vida acadêmica, Heller previniu o presidente Lyndon Johnson de que a escalada da guerra no Vietnam, imposta à economia norte-americana então em pleno emprego, exigia um aumento de impostos.

Quando, na televisão, um entrevistador lhe perguntou se não estava sendo inconsistente, Heller respondeu com o espírito rápido que o tornava tão eficiente no circuito de conferências: "Sopro em minhas mãos para aquecê-las; isto não me impede de soprar minha sopa para esfriá-la."

Expoente da escola de economistas que defende déficits fiscais temporários para contrabalançar depressões persistentes, Heller em 1981 avisou o Congresso e o presidente Reagan de que a economia de mercado não iria funcionar e que as reduções de impostos iriam produzir um grande e permanente déficit orçamentário. Mais uma vez, a história lhe deu razão. A economia de Heller não era uma lugubre ciência, mas ele nunca temeu dar nome aos bois.

Há 30 anos, sempre que escrevo para norte-americanos sobre questões de política, tenho me baseado nos escritos, discursos e conversas telefônicas com Heller em busca de informação e de sabedoria. De agora em diante, terei que prosseguir só.

Só? Não. Temos a lembrança de um grande economista político. Poderei ter que parar em meio a um texto e ponderar: "O que Heller aconselharia agora?" — esta tática pode não ser tão poderosa quanto uma ferradura, mas espero que me ajude um pouco em nossa inexacta ciência da economia política.

NYT. Paul Samuelson, ganhador do Prêmio Nobel de Economia, é professor emérito do Instituto de Tecnologia de Massachusetts.